

Inscrições do seletivo para contratação de professores substitutos vão até o dia 19

A Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progep) da Universidade Federal do Maranhão tornou público o edital que regulamenta o processo seletivo simplificado para contratação de professores substitutos em 28 áreas de conhecimento, divididas em vários câmpus da UFMA, com intuito de preencher vagas de docentes afastados. As inscrições se iniciaram dia 9 e seguem até 19 de novembro. A taxa para participar é R\$ 100.

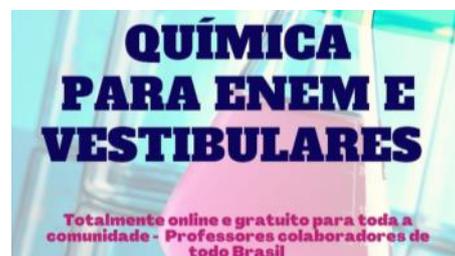
Podem se inscrever os candidatos graduados ou com pós-graduação lato sensu — especialização ou stricto sensu — doutorado e/ou mestrado, conforme consta em cada área. A contratação do regime de trabalho do professor varia entre 20 e 40 horas semanais, e o contrato tem validade de seis meses, podendo ser prorrogado por mais seis.

Para se inscrever, o candidato deve anexar, via e-mail direcionado à secretaria da subunidade acadêmica promotora do seletivo, os seguintes documentos: Requerimento de inscrição dirigido ao chefe ou coordenador da subunidade acadêmica; Curriculum Vitae no modelo Lattes ou

CNPq (é necessário enviar cópia dos dados inseridos no currículo); comprovante de pagamento da taxa de inscrição; documento de identidade ou passaporte ou outros documentos válidos para identificação; CPF; documento de quitação de serviço militar no caso dos homens; comprovante de quitação com a Justiça Eleitoral; diploma de graduação acompanhado do histórico escolar correspondente e de pós-graduação, revalidados ou reconhecidos no país em caso de títulos emitidos por instituição de ensino superior estrangeira, quando for o caso.

A homologação das inscrições e a divulgação do calendário de provas de cada área de conhecimento serão divulgadas no quadro de avisos da subunidade, na página eletrônica da UFMA e por meio de edital da Progep. O processo seletivo simplificado constará de prova didática e de julgamento de títulos, realizadas na seguinte ordem: didática, de caráter eliminatório e classificatório; e de títulos, de caráter classificatório. O resultado será divulgado na página da Progep (portais.ufma.br).

Fonte: UFMA



Projeto oferece aulas online de Química para o Enem e vestibulares

Com o objetivo de auxiliar os alunos e a comunidade em geral na preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e vestibulares, o professor Hélon Falcão, do Instituto Federal do Maranhão (IFMA) Campus Araioses, criou o projeto de extensão “Química para Enem: uma proposta de curso online para revisão de Química”, que oferece videoaulas que abordam os principais conteúdos exigidos nesses exames, assim como resolução de questões. O projeto integra profissionais de diversas instituições e Estados do Brasil, que buscam promover o aprendizado de Química de forma divertida, fácil e eficiente.

“A ideia do projeto surgiu da necessidade de oferecer educação de qualidade e gratuita na internet e conectar nossos alunos aos diversos temas de Química abordados no Enem e vestibulares”, explica o professor Hélon Falcão.

O curso está sendo oferecido desde o dia 18 de agosto e vai até o dia 18 de fevereiro de 2021. O acesso é totalmente gratuito. Para acessar as aulas, basta realizar o cadastro no site do projeto e assisti-las a qualquer momento.

Fonte: IFMA



Violência policial contra jovens negros escancara o racismo estrutural no Brasil

Agatha Vitória Sales tinha 8 anos, Eduardo de Jesus, 10 anos, João Pedro Matos, 14 anos e Guilherme Silva Guedes, 15 anos. Todos eram negros. Todos moravam em comunidades pobres. Todos foram mortos pela polícia brasileira e, muito cedo, passaram a fazer parte de uma estatística cruel no Brasil que evidência o racismo estrutural: a violência policial.

O racismo estrutural se expressa no genocídio escancarado da juventude negra e em diversas formas de desigualdade. Na hierarquia de gênero, por exemplo, as mulheres negras são as que mais morrem e sofrem com a violência doméstica.

A mortalidade de jovens negros no Brasil é superior a de países em guerra civil no mundo. São 63 mil jovens brasileiros mortos por ano, sendo mais de 70% são negros.

A lista de pessoas negras vítimas dessa tragédia é extensa no Brasil. De acordo com o Atlas da Violência 2020, divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), os casos de homicídio de pessoas negras (pretas e pardas) aumentaram 11,5% em uma década. Já na contramão desses dados, entre 2008 e 2018, período avaliado, a taxa entre pessoas não negras (brancos, amarelo e índio) fez o caminho inverso, apresentou queda de 12,9%.

As cores e a classe social da tragédia brasileira

A pequena Agatha morava

Complexo do Alemão e foi morta com um tiro nas costas disparado por um Policial Militar (PM). Eduardo, também do Alemão, foi morto na porta de casa por um tiro disparado por policiais. João Pedro, do Complexo do Salgueiro, perdeu a vida com um tiro na barriga após uma operação da Polícia Federal e da Polícia Civil. Guilherme, na Vila Clara, em São Paulo, foi encontrado morto em um terreno com dois tiros na cabeça, em Diadema, cidade do Grande ABC, disparados também por um PM.

De acordo com o sociólogo e pesquisador do Núcleo Afro do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), Paulo Ramos, a alta taxa de homicídio entre jovens negros ainda é resquício da colonização nos dias de hoje.

“A gente está falando de guerra civil, se a gente for comparar a violência do Brasil com outros países do mundo, o Brasil mata 63 mil pessoas por ano. Há 20 anos matava 40 mil. Em 1980, a taxa de homicídio era de 20 mil pessoas por ano e já era um absurdo na década. É há uma razão colonial por trás disso”, afirma.

Mito da democracia racial e genocídio denunciado por Abdias do Nascimento

No Brasil, país que construiu a mitologia da democracia racial (de que a nação vivia em harmonia entre brancos e negros) escondeu o racismo, a discriminação, o abandono e a violência contra a população negra por muito tempo. Basta dizer que um ano após a abolição surgiu a Lei da Vadiagem, em 1889, que tinha como alvo o ex-

escravo que não tinha emprego nem moradia.

Tanto o mito da democracia racial como genocídio negro foram denunciados pelo escritor, dramaturgo e ativista do Movimento Negro Unificado (MNU) Abdias Nascimento na década de 1970. Em 1978, Abdias publicou o livro “O genocídio do negro brasileiro”, que se transformou em um símbolo de denúncia do racismo no Brasil.

Para Paulo Ramos, o termo genocídio para se referir à morte de jovens negros tem vários significados, uma disputa através dos números.

Alvo frequente de denúncias do movimento negro

O genocídio da população negra tem sido alvo frequente de denúncias por ativistas do movimento negro em órgãos internacionais. Entretanto, é no grito dos moradores das periferias que fica evidente que população continua a ser executada pelo Estado.

“É em virtude disso que o movimento negro reivindica o termo o genocídio”, explica Paulo Ramos

Os dados da pesquisa do Ipea chamam a atenção para os jovens entre as vítimas de homicídios ocorridos em 2018. Ao todo, 30.873 jovens na faixa etária entre 15 e 29 anos foram mortos, o que representa 53,3% dos registros. Entre 2008 a 2018, houve um aumento de 13,3% na taxa de jovens mortos, que passou de 53,3 homicídios a cada 100 mil jovens para 60,4.

Fonte: CUT